



RELATÓRIO TÉCNICO: ANÁLISE SITUACIONAL DA SAÚDE DOS MORADORES DE CARRANCAS E ARAÇÁS

*Impactos dos agrotóxicos do
agronegócio nas comunidades
tradicionais de Buriti-MA*

Ariana Gomes
Altemir de Jesus Everton
Fábio Pacheco

MARANHÃO, 2025.

**Relatório Técnico: Análise Situacional da Saúde dos
Moradores de Carrancas e Araçás**

*Impactos dos agrotóxicos do agronegócio nas
comunidades tradicionais de Buriti-MA*

Ariana Gomes
Altemir de Jesus Everton
Fábio Pacheco

**MARANHÃO
2025**

Relatório Técnico: Análise Situacional da Saúde dos Moradores de Carrancas e Araçás – Impactos dos agrotóxicos do agronegócio nas comunidades tradicionais de Buriti-MA

Ariana Gomes¹

Altemir de Jesus Everton²

Fábio Pacheco³

Análise situacional da Saúde dos moradores das comunidades tradicionais de Carrancas e Araçás no município de Buriti, Maranhão, causado pelo impacto dos agrotóxicos usados pelo agronegócio na região.

Este relatório apresenta uma análise da situação de saúde das pessoas nas comunidades tradicionais de Carrancas⁴ e Araçás, no município de Buriti, estado do Maranhão. Este está fundamentado na visita técnica nos dias 05 e 06 de julho de 2025.

Esta visita se fez necessária devido às diversas denúncias que a Rede de Agroecologia do Maranhão-RAMA recebeu, de situações de crianças que estavam apresentando sinais de adoecimento, principalmente asma, dores de cabeça, tontura e ferimentos nos corpos, sendo mais intenso no período de aplicação de agrotóxicos sobre as lavouras de soja que fica a menos de 300m das áreas de moradias dessas famílias.

A análise considera os determinantes sociais da saúde (físicos, químicos, biológicos e psicossociais) e se baseia na persistência de um modelo

¹ Assistente Social, Mestra em Cartografia Social e Política da Amazônia pela Uema e Secretária da Rama (Rede de Agroecologia do Maranhão)

² Epidemiólogo/Epidemiologista-ISCMC/ Cuba; Biólogo-FUNESO/PE-Brasil; Especialista em Saúde Ambiental- FIOCRUZ/RJ; Especialista em Gestão em Saúde Pública/UFMA; TÉC. em Controle Ambiental/UEMANET; e, Mestrando em Saúde Pública/ENSP-FIOCRUZ/RJ. Militante do MST.

³ Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Agroecologia, Coordenador do Programa Agroecologia da Associação Agroecológica Tijupá, Integrante do Coletivo de Articulação Política da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), Secretário Executivo da Articulação de Agroecologia da Amazônia, Integrante da Coordenação Executiva da Rede de Agroecologia do Maranhão (RAMA), Integrante do Fórum Maranhense de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos e Conselheiro Titular da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO).

⁴ Para maior entendimento sobre as comunidades e conflitos, consultar a dissertação: **CABRAL, Diogo RibeiroDiniz. Fincados na terracomoum bacuri: a luta dacomunidade Carrancas pelo direito de existir.** 2024. 178 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional) – Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, São Luís, 2024.

de desenvolvimento agrário que tem gerado graves impactos socioambientais na região. O território está inserido na fronteira de expansão do agronegócio conhecida como Matopiba⁵, um fator central para a compreensão das vulnerabilidades e dos problemas de saúde aqui descritos.

Caracterizando as comunidades

A atividade econômica predominante no entorno das comunidades é a monocultura de grãos — principalmente soja — em grandes latifúndios. Esse modelo se contrapõe diretamente ao modo de vida tradicional das comunidades, baseado na agricultura familiar de subsistência, no extrativismo do coco babaçu e, principalmente, na coleta de frutas (como o bacuri) e na criação de animais em pequena escala. A sobreposição desses dois modelos resultou em intensos conflitos por terra, sendo este o principal vetor dos problemas de saúde identificados.

As comunidades visitadas são constituídas por grupos familiares, com predominância de jovens, em sua maioria filhos e filhas de pequenos agricultores. Todos e todas trabalham e residem no território, dependendo da existência da comunidade — da flora, da fauna e das águas fluviais e pluviais do local.

A seguir, são apresentadas tabelas com dados quantitativos e qualitativos de habitantes e falecidos nas comunidades visitadas.

Tabela: população, por faixa etária, exposta aos resíduos de agrotóxico na comunidade de Araçás/Buriti – MA

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
0 a 4 anos	4	4	8
5 a 9 anos	2	8	10
10 a 14 anos	5	6	11
15 a 20 anos	21	23	45
21 a 29 anos	3	5	08
30 a 39 anos	12	07	19
40 a 49 anos	02	02	04
50 a 59 anos	02	01	03
60 a mais anos	04	02	06

⁵O MATOPIBA foi instituído oficialmente pelo Decreto nº 8.447/2015, e é definido como uma **região de planejamento territorial**. É considerado a **última fronteira agrícola do cerrado brasileiro** e está diretamente ligado à expansão do **agronegócio**, especialmente da soja, milho e algodão.

Na comunidade de Araçás faleceram quatro (04) pessoas entre o período de 2021 a 2025, sendo dessas duas (02) mulheres e dois (02) homens, segundo relato dos moradores.

Tabela: população, por faixa etária, exposta aos resíduos de agrotóxico na comunidade de Carrancas/Buriti – MA

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
0 a 4 anos	0	1	01
5 a 9 anos	0	1	01
10 a 14 anos	0	0	0
15 a 19 anos	1	0	01
20 a 29 anos	1	0	01
30 a 39 anos	3	1	04
40 a 49 anos	0	1	01
50 a 59 anos	0	0	0
60 a mais anos	0	1	1

Na comunidade de Carrancas faleceu uma pessoa, com mais de 50 anos de idade. Para tanto, nas duas comunidades não se identificou na fala dos moradores as causas dos falecimentos

Na análise e interpretação que apresentamos neste documento, destacamos relatos de famílias que vêm sofrendo diretamente com os impactos do agronegócio sobre suas vidas social, econômica, de saúde e ambiental. Em seguida, descrevemos alguns efeitos marcantes sobre a vida das pessoas nas comunidades visitadas, especialmente os impactos na saúde.

Os efeitos agudos relatados durante o período de pulverização — como dores de cabeça, náuseas, vômitos, irritações na pele e problemas respiratórios — evoluíram para um quadro de risco crônico. A exposição prolongada a esses agentes está cientificamente associada à desregulação endócrina, problemas neurológicos, infertilidade e ao desenvolvimento de diversos tipos de câncer.

É importante destacar que é notório observar esses efeitos na vida dos moradores dessas comunidades, principalmente nas crianças — as mais atingidas pelas pulverizações aéreas de agrotóxicos. Nós observamos hipersensibilidade (reação exagerada do sistema imunológico a substâncias que, em pessoas comuns, não causaram resposta adversa) nas crianças, sobretudo quando elas entram em contato com o solo, a água e a vegetação contaminados pelas substâncias agroquímicas aplicadas no território.

Mães entrevistadas relataram que seus filhos não podem ter contato direto com o solo, a água, e a vegetação na comunidade, pois isso desencadeia reações alérgicas, como irritações na pele, na garganta e, em alguns casos, sinais de crises asmáticas.

Na comunidade Carrancas, foram entrevistados três moradores de uma mesma família (pai, filha e neta), embora residam em habitações diferentes. Nas entrevistas, foram relatadas diversas situações, como conflitos pela posse da terra — ameaças de violência física, expulsão do território e agressões psicológicas —, além de problemas de saúde, como dermatite (inflamação da pele, caracterizada por sintomas como vermelhidão, coceira, inchaço, descamação, formação de bolhas ou feridas) de contato provocada por objetos ou materiais contaminados pelos agrotóxicos utilizados nos plantios agrícolas. Também foram relatados sintomas como tosse persistente, acompanhada de crises de vômito e apneia (falta de ar).

Durante a entrevista, foi possível observar sinais de lesões na pele da entrevistada — lesões dérmicas causadas pelo contato com agrotóxicos que são pulverizados nas plantações. No decorrer da conversa, apareceu no quintal da casa uma criança de três anos de idade, filho da entrevistada. A senhora nos relatou que seu filho sofre de asma, mesmo não havendo histórico dessa condição nas famílias materna ou paterna.

Ela nos contou que, durante a gestação, em diversas ocasiões, o produtor de soja — atual prefeito da cidade de Buriti — realizava pulverizações em sua lavoura sem horário definido. Com isso, gotículas dos agrotóxicos alcançaram sua casa por conta da deriva do vento. Mesmo mantendo portas e janelas fechadas, o cheiro forte da substância química ainda invadia o ambiente.

O plantio de soja está localizado a menos de 300 metros das casas dos entrevistados. O que separa as famílias da área de plantio é apenas uma estrada vicinal que corta o território em direção a outras comunidades do município de Buriti.

Relatos expostos pelas pessoas entrevistadas.

É essencial considerar esses fatos ao analisar a contaminação das pessoas nessas comunidades. A saber dos relatos:

“(…) Sempre. Eles colocavam o veneno bem aí. Ter que passar? Tipo, nos caminhos aí, por exemplo, quando eu vou trabalhar, quando eles estão colocando veneno, a gente passa, e eles não param. Aí, tipo, de manhã, toda manhã, eu saía toda molhada de veneno. É de gafanhoto, ou de avião, ou de drone. Seja lá o que for, fica no meio, eles não param nunca pra gente poder passar.”

Na comunidade de Araçás, mais pessoas foram entrevistadas. Ouvimos a mãe da criança L.A., vítima da pulverização ocorrida em 2021. A mãe relata que o estado de saúde do filho só vem se agravando, e até hoje não há um diagnóstico definitivo. Alguns profissionais dizem que é asma, outros dizem que não.

“Este evento ocorreu este ano, precisamente em abril. Eu estava a caminho do trabalho, em Buriti, quando recebi uma ligação. A esposa de C., que me hospeda, ligou de Belém por causa da falta de internet aqui. Ela perguntou: 'J., onde você está?' Eu respondi: 'Estou acabando de chegar ao trabalho.' Em seguida, perguntei: 'O que aconteceu?' Ela disse: 'N., providencie uma SAMU rapidamente, pois L.A está muito mal.' Diante disso, nem entrei no meu local de trabalho; saí correndo. Consegui um SAMU e liguei para ela, perguntando: 'Minha irmã, como está meu filho?' Ela respondeu: 'Minha irmã, ele não está bem. Ele não está bem, não está conseguindo respirar.'

Enquanto a mãe conversava conosco, a avó de L.A nos mostrou o arsenal de medicamentos que a criança precisa tomar diariamente. Medicamentos que a família não tem condições de comprar sozinha — são adquiridos com ajuda de terceiros ou de instituições não governamentais, que também auxiliam na realização de exames.

Em conversa com outra mãe de uma criança também atingida pela pulverização, ela nos relatou:

“D. não conseguia respirar normalmente, sendo necessário o uso de oxigênio devido à respiração ofegante. Ele teve uma convulsão dentro da ambulância, no trajeto para Buriti. Ele não estava gripado, nem apresentava outros sintomas, apenas febre alta e aquelas feridas que apareciam como bolhas. Isso ocorre de forma instantânea; a febre surge e as lesões começam. Permaneci com ele por cerca de dois dias, e então voltamos para casa. O médico informou: ‘Sua criança está desnutrida. Para a idade dele, está muito abaixo do peso. No entanto, não havia o que eu pudesse fazer. D. já foi submetido a diversos medicamentos, incluindo antibióticos em doses que nem um adulto tomaria. As manchas na pele são decorrentes das feridas. Por exemplo, durante o inverno, fui para a casa da minha mãe. Lá no Belém, que é uma descida, a água do campo desce e passa na frente das casas. D. teve contato com a areia e feriu tanto a pinta quanto as partes íntimas, chorando a noite inteira em cima da cama. Ele se coçou a ponto de sangrar. Tenho fotos que enviei para o pai dele, pedindo ajuda, pois não sabia mais o que fazer. Ele perguntou o que estava acontecendo, e eu enviei as fotos. O pai dele não estava aqui nessa época, estava viajando. Eu disse à M.: ‘O D. está...’, e ele inchou muito. Meu Deus, essa criança, nesses dois períodos, foi muito afetada: o

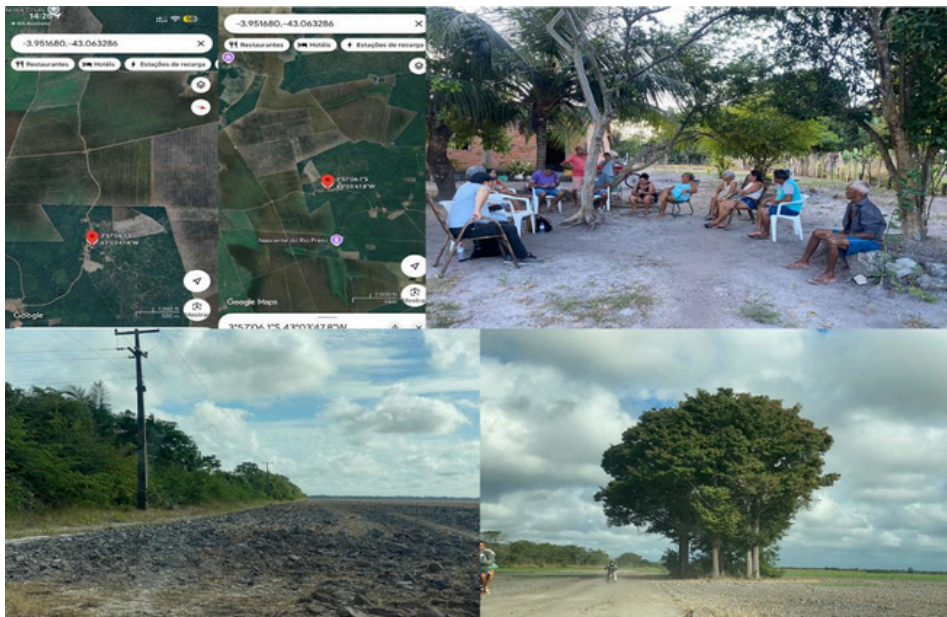
incidente aqui e a transição para a casa da minha mãe. Se eu contasse a outra pessoa, poderiam dizer: 'Isso é mentira, como algo do campo afetaria o filho dela na casa?' Mas se um produto que mata porcos e outros animais não vai atingir a pele da pessoa?"

É importante ressaltar que o acesso à saúde nas comunidades é extremamente precário. A unidade de saúde mais próxima fica distante, e não possui estrutura nem profissionais capacitados para diagnosticar ou tratar doenças crônicas relacionadas à exposição a agrotóxicos. Isso tem resultado em subnotificações, omissão e negligência no atendimento.

nos estabelecimentos de saúde quando vão ao município, são atendidos às vezes, maltratados, desrespeitados, ignorados e até mesmo não atendidos.

FOTOS DAS COMUNIDADES ATINGIDAS (CARRANCAS E ARAÇÁS – BURITI/MA)

Figura: fotos das comunidades (mapa, roda de conversa, estrada e terreno do plantio.



Fonte: Arquivo pessoal: Altemir e Ariana Gomes, 2025.

Fotos: lesões dérmicas suspeitas serem provocadas por contatos a agroquímicos



Fonte: arquivo pessoal: Altemir e Ariana Gomes, 2025.

Fotos: reunião com as famílias atingidas pelos agroquímicos nos povoados Carrancas e Araçás – Buriti/MA.



Fonte: arquivo pessoal: Altemir e Ariana Gomes, 2025.

Fotos: território das comunidades.



Fonte: Arquivo pessoal: Altemir e Ariana Gomes, 2025.

Elementos para Análise nas Comunidades Visitadas Determinantes de Saúde

Agentes Físicos

- **Radição:** Solar e

Os trabalhadores rurais das comunidades estão expostos a altos níveis de radiação UV e estresse térmico. Em 2025, essa situação é agravada pelo desmatamento em larga escala no entorno para o plantio de soja, que elimina a vegetação nativa, reduz a umidade e eleva as temperaturas locais, aumentando o risco de insolação, desidratação e câncer de pele.

- **Ruído:**

A proximidade com grandes lavouras mecanizadas expõe os moradores ao ruído constante de tratores e maquinários agrícolas, o que representa um fator de estresse crônico e potencial causador de distúrbios do sono e perda auditiva a longo prazo.

Agentes Químicos

- **Agrotóxicos:**

Este é o determinante de maior impacto e gravidade para as comunidades de Araçás e Carrancas. Em 2021, as comunidades foram vítimas de uma pulverização aérea criminosa, documentada em denúncias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, 2021). Em 2025, os impactos persistem e se tornam crônicos:

- **Exposição** Mesmo sem novos ataques aéreos documentados neste ano, a contaminação do solo, da água e dos sedimentos por agrotóxicos utilizados nas fazendas vizinhas representa uma rota de exposição contínua e de baixo nível. A persistência desses químicos no ambiente configura um risco permanente (BOMBARDI, 2017).
- **Contaminação** contaminação de **Águas**, poços e da **produção** agrícola local (roçados) compromete a segurança hídrica e alimentar das comunidades.

Agentes Biológicos

- **Doenças** A degradação e contaminação **Veiculação** dos corpos d'água, aliadas à ausência de saneamento básico adequado, criam um ambiente propício à proliferação de patógenos causadores de doenças como diarreia, hepatite A e outras gastroenterites.

Durante a visita, não foram registrados casos ativos de diarreia, mas os moradores relataram que é frequente observar episódios espontâneos em crianças e idosos. Da água de consumo, recebemos relato que: "(...) Logo no início do plantio, quando eles passavam o veneno na plantação, o cheiro da água era forte, principalmente a dos poços cacimbão e dos igarapés." "(...) Encontrávamos muitos animais mortos na mata aqui perto."

O desmatamento do Cerrado é um problema contínuo e contribui para a expansão agrícola, alterando o habitat da fauna silvestre. Isso força a aproximação de animais e vetores (mosquitos, carrapatos) às áreas habitadas, elevando o risco de doenças como leishmaniose e arboviroses (dengue, chikungunya), cuja incidência tende a aumentar com as mudanças ambientais.

Segundo os moradores, os animais domésticos adoecem e morrem com frequência, especialmente cães e gado:“(...) Emagrecem mesmo comendo normalmente, e de repente morrem. O gado não tem pastagem, e o pouco que ainda encontra está seco, seco antes do tempo normal.”

Agentes Psicossociais

- **Violência Psicossocial:** O principal agente psicossocial é o medo constante decorrente do conflito agrário. A pulverização aérea não foi tratada como acidente, mas amplamente interpretada como uma tática de intimidação para forçar a desocupação do território (DE OLHO NOS RURALISTAS, 2021).

Em 2025, essa realidade se configura como um verdadeiro "terror químico", que gera quadros crônicos de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é um sentimento coletivo de impotência.

- **Solastalgia:**

Refere-se ao sofrimento psíquico causado pela degradação ambiental e perda da vida tradicional. A transformação do território — antes composto por babaçuais e rica biodiversidade — em um "deserto verde" de soja, provoca profunda angústia, perda de identidade cultural e sentimento de não pertencimento.

- **Desestruturação**

Social:

A ameaça constante desorganiza os laços comunitários, o trabalho coletivo e as práticas culturais, gerando isolamento social e enfraquecendo o tecido comunitário — que historicamente é o principal suporte à saúde e ao bem-estar dessas populações.

Outros Fatores de Determinação Social

- **Insegurança Alimentar e Hídrica:**

A contaminação direta dos roçados e fontes de água por agrotóxicos coloca as comunidades em estado de insegurança alimentar e hídrica, comprometendo sua soberania e autonomia.

- **Vulnerabilidade Institucional e Racismo Ambiental:**

As comunidades enfrentam enormes barreiras para acessar a justiça e obter reparação. A percepção generalizada é de que o Estado é omissor

ou age em convivência com o agronegócio, agravando o sentimento de abandono.

Essa dinâmica — onde os impactos ambientais mais severos recaem sobre populações racializadas e tradicionais — caracteriza um cenário claro de racismo ambiental (MAPA DE CONFLITOS, 2009).

OUTROS ELEMENTOS OBSERVADOS NESTE DOCUMENTO NO CONTEXTO DAS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS DOS MORADORES DE CARRANCAS E ARAÇÁS

Observações sobre Violações de Direitos Humanos e da Natureza

Durante nossa análise nas comunidades de Araçás e Carrancas, observamos evidências de violações graves aos direitos humanos e à própria natureza, indicando um cenário de desequilíbrio profundo. Este desequilíbrio não é apenas ecológico, mas também humano e social, uma vez que os impactos dos agrotóxicos afetam diretamente a saúde, a dignidade e a integridade dos moradores — especialmente os grupos mais vulneráveis: crianças, idosos e o meio ambiente.

Violações de Direitos das Crianças

A exposição de crianças aos agrotóxicos resulta na violação de diversos direitos fundamentais, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pela Constituição Federal e por tratados internacionais, como a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU.

Direitos Violados:

1. Direito à vida e à saúde

- Violação: Intoxicações, doenças respiratórias, distúrbios neurológicos, câncer e risco de morte.
- Base legal: Art. 7º do ECA e Art. 227 da Constituição Federal.

2. Direito a um meio ambiente saudável

- Violação: Contaminação do solo, da água e do ar, comprometendo a saúde e qualidade de vida.
- Base legal: Art. 225 da Constituição Federal; Art. 4º do ECA.

3. Direito à alimentação adequada

- Violação: Insegurança alimentar provocada por alimentos contaminados com agrotóxicos.
- Base legal: Art. 227 da Constituição Federal; Art. 6º do ECA.

4. Direito à educação

- Violação: Doenças crônicas causam faltas escolares, dificuldades de aprendizagem e evasão.
- Base legal: Art. 53 do ECA.

5. Direito ao desenvolvimento físico, mental e social

- Violação: Comprometimento do desenvolvimento integral da criança, com danos cognitivos e comportamentais.
- Base legal: Art. 3º e 4º do ECA; Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança.

Violações de Direitos dos Idosos

Idosos também são fortemente impactados pela exposição prolongada aos agrotóxicos. Os direitos violados encontram respaldo no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003), na Constituição Federal e em normas internacionais de direitos humanos.

Direitos Violados:

1. Direito à vida e à saúde

- Violação: Risco elevado de doenças como câncer, Alzheimer, Parkinson e problemas respiratórios e cardíacos.
- Base legal:
 - Art. 2º do Estatuto do Idoso
 - Art. 196 da Constituição Federal

2. Direito à dignidade

- Violação: Condições ambientais degradadas e sofrimento físico comprometem a dignidade da pessoa idosa.
- Base legal:
 - Art. 10 do Estatuto do Idoso
 - Art. 1º, inciso III da Constituição Federal

3. Direito à prioridade nas políticas públicas

- Violação: Ausência de ações estatais voltadas à prevenção e ao cuidado com idosos expostos a agrotóxicos.

- Base legal: Art. 3º e 15 do Estatuto do Idoso

Violações dos Direitos da Natureza

Além dos impactos humanos, há graves violações aos direitos da natureza, que também possui, segundo visões jurídicas emergentes (como as constituições do Equador e da Bolívia), direito à existência, regeneração e proteção.

Direitos Violados:

1. Direito à integridade ecológica

- Violação: Destruição de ciclos naturais, morte de microrganismos do solo, insetos, peixes, aves e mamíferos.
- Base legal:
 - Princípios da Ecologia Integral
 - Constituição do Equador (Art. 71)

2. Direito à água limpa

- Violação: Contaminação de corpos d'água essenciais à vida.
- Base legal:
 - Art. 225 da Constituição Federal
 - Diretrizes da ONU sobre o direito à água

3. Direito à regeneração natural

- Violação: Uso contínuo de agrotóxicos esteriliza o solo e impede sua recuperação ecológica.
- Base legal:
 - Princípio da Precaução Ambiental (Declaração do Rio, 1992)
 - Constituição do Equador (Art. 72)

4. Direito à biodiversidade

- Violação: Extermínio de polinizadores e redução da diversidade genética e de espécies.
- Base legal:
 - Art. 225, §1º, VII da Constituição Federal

5. Direito de existir sem contaminação

- Violação: Envenenamento sistêmico dos ecossistemas.
- Base legal:
 - Carta da Terra (ONU, 2000)
 - Princípios da Justiça Ecológica

6. Direito à coexistência com outras formas de vida

- Violação: Ruptura das relações entre espécies, favorecendo a dominação humana predatória.
- Base legal:
 - Princípios da Ecologia Profunda
 - Justiça Interspecies

As informações apresentadas revelam uma violação sistêmica e interconectada dos direitos humanos e ambientais, com impactos severos sobre a saúde, a cultura, a biodiversidade e os modos de vida tradicionais. A exposição crônica a agrotóxicos não é apenas um problema sanitário, é, também, uma questão de justiça social e ambiental, exigindo respostas urgentes, políticas públicas específicas e responsabilização dos agentes causadores.

Referências Bibliográficas

BOMBARDI, L.M. Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia. São Paulo: FFLCH-USP, 2017.

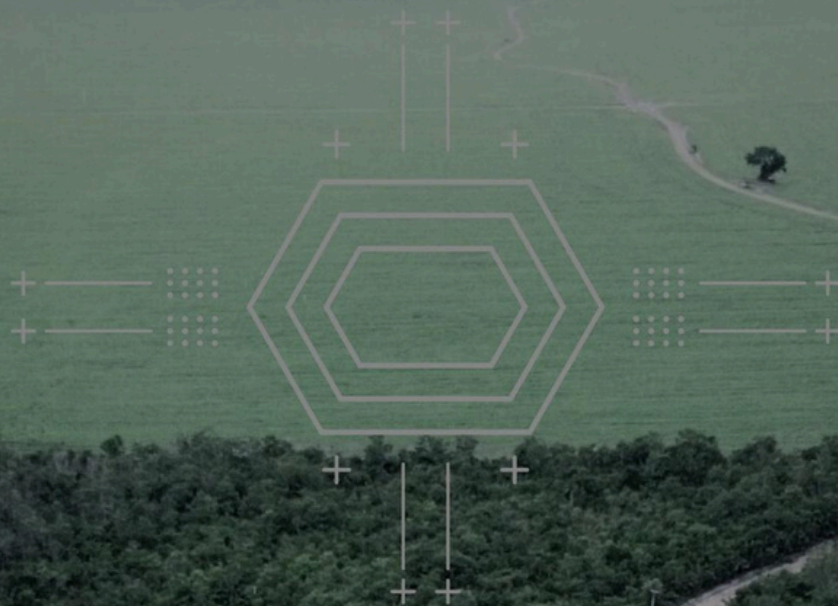
DE OLHO NOS RURALISTAS. Dossiê: O veneno que cai do céu. 2021.

CABRAL, Diogo Ribeiro Diniz. *Fincados na terra como um bacuri: a luta da comunidade. Dissertação de Mestrado em*

Desenvolvimento Socioespacial e Regional) – Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, São Luís, 2024.

MAPA DE CONFLITOS. Conflitos socioambientais e violação de direitos no Brasil. Fiocruz, 2009.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). Relato de pulverização aérea em comunidades tradicionais do Maranhão. 2021.



Realização



Parceiros



Apoio

